



MULHERES E EDUCAÇÃO: A AUSÊNCIA/PRESENÇA FEMININA NOS ESTUDOS FORMAIS CÍCLICOS (*EGKÝKLIA*) DURANTE O PERÍODO CLÁSSICO E HELENÍSTICO

Dielson Santos da Costa¹

RESUMO

A *Arété*, o ideal grego de formação social, que lançou as “bases” da democracia ateniense e consequentemente influenciou diversas sociedades ao longo do período helenístico e até mesmo do período romano, fora construído sob um modelo educacional conhecido como *Egkýklia*; que consistia em um estudo com disciplinas bem definidas e uma sequência cíclica, que o educando só faria parte do próximo período depois de completar o anterior. Destarte, o indivíduo só seria considerado um cidadão preparado para a vida social quando finalizasse todo o estudo da *Egkýklia*. Ora, muito mais além do que a inserção na democracia, o conhecimento que era produzido e ensinado, era importante para a própria acumulação de conhecimentos da própria humanidade. Nesse ínterim, podemos notar que antes mesmo das mulheres serem excluídas da cidadania grega, lhes era negada a instrução e quando ousavam superar esse obstáculo, eram desconsideradas ou seus estudos eram atribuídos aos homens. Além disso, muitas mulheres foram registradas como homens ou eram ensinadas apenas a como cuidar do lar e educar os seus filhos. A proposta deste artigo é apresentar parte do resultado de cinco anos de pesquisa a respeito da ausência feminina nos estudos cíclicos e a presença de muitas delas que romperam as barreiras sociais que lhes eram impostas.

Palavras-chave: Mulheres, Educação, História

INTRODUÇÃO

A educação é a técnica coletiva pela qual uma sociedade inicia sua geração jovem em valores e conhecimentos que caracterizam a vida de sua civilização. Assim, a Educação, é subordinada a aspectos culturais. Logo, é de se compreender, que a educação é palco de discursos de poder e resistência, por vezes, agregadora e/ou desagregadora de minorias; fenômenos é claro, derivados da cultura de um povo ou da manutenção de um status quo. O modelo educacional grego *Egkýklia*, inicialmente totalmente excludente, ao longo do período Clássico e Helenístico, teve que “conviver” com a necessidade de inserir indivíduos marginalizados nesse processo, ainda que isso tenha ocorrido de forma adequada a manter uma sociedade extremamente patriarcal e elitizada. O objetivo nesta presente comunicação é apresentar as nuances, mudanças e permanências deste modelo educacional em relação as mulheres durante o período Clássico e Helenístico.

A expressão *Egkýklia* ou *Enkýklia*, pode ser traduzida como “cíclico” ou “conjunto”. Seu significado específico variou de acordo com a época e a localidade. No presente estudo, iremos nos deter sobre o uso desta expressão relacionada a educação grega. De modo geral, *Egkýklia* costumava referir-se a um conjunto de disciplinas de um determinado nível de escolaridade, o conjunto de aprendizados técnicos e ainda, a periodicidade de um evento. Sua

¹ Mestrando em Educação – Universidade Federal da Bahia – BA, dielson.costa05@gmail.com



utilização não era exclusiva para a escolaridade oferecida ao paidós (criança), mas, a todo e qualquer ensino, o que incluía os serviços da pólis, que tinham seus estudos/aprendizados realizados em oficinas apropriadas. De acordo com Zenão de Cítio, utilizando-se segundo ele, as referências empregadas por Plutarco, à intenção de Alexandre, o Grande era helenizar os povos conquistados e para tal, era preciso através das escolas filosóficas e métodos de ensino, como a *Egkyklia* promover significativas mudanças culturais, o que por fim, elevaria estas comunidades a tal objetivo (PLUTARCO, 1987, p.61). Para alguns teóricos como Spinelli, é admissível à possibilidade que o siciliano Górgias tenha convivido com Sócrates, Platão e Aristipo, tendo em vista que viveu em torno de 105 anos (485 a.C – 380 a.C), e portanto, tendo contato direto com aqueles que vieram a ser os filósofos mais conhecidos do período clássico (SPINELLI, 2016, p. 36). O alemão Karl Wotke encontrou tais referências em um manuscrito, sob o título de *Gnomologium Vaticanum: Epikourou prosphónesis*, e publicou esses axiomas no ano de 1888 na Wiener Studien de número 10, a respeito da Gnomologium Vaticanun vale ressaltar que eram escritos de origem Bizantina, mas, que em geral eram atribuídos ao período helenístico.

Outra obra é a coleção eclética *Moralia*, composta por 78 ensaios redigidas por Plutarco. Este considerava necessário que fossem realizadas apenas introduções as disciplinas básicas para que o educando pudesse posteriormente absorver a Filosofia, que para ele, era a “soberana”. Nesse interim, não rejeitava os ensinamentos da *Egkyklia*, considerava que estas não deveriam ser rejeitadas, mas, antes ensinadas apenas como introdução, assim como quem costeia uma cidade sem nela habitar. É inclusive nos escritos de *Moralia*, que Plutarco parece atribuir o conceito de *egkyklios paidéia* a si mesmo, reservando o plural neutro *paideuma*, para indicar um contexto de escolaridade, ou conjunto de disciplinas (SPINELLI, 2016, p. 39). É justamente Spinelli, quem mais abrange materiais em português, a respeito da conceituação da *Egkyklia* e seu uso e, portanto, oferece sustentação teórica para todo arcabouço necessário à fim de compreender o processo de sua expansão durante o império macedônico. Outras fontes importantíssimas neste sentido estão às obras aristotélicas: “Política”, “Ética a Nicômaco”, “Metafísica” e “Tratado do céu”, que abordam de um modo ou de outro, o emprego do *Egkyklia*, mesmo que este não seja o objetivo destes materiais. Ou até mesmo, o escrito “Des Officiis/Les Devoirs” ou a obra “De Oratore”, ambas de Cícero, “Mênon” e “Diálogos” por Platão, além da coletânea “Recuerdos de Sócrates, Económico, Banquete, Apologia de Sócrates”, redigida por Xenofonte.

A respeito da Metodologia, elencamos as fontes por tipo, abordagem e análise de fontes textuais, e a partir destas fontes, direcionamos o olhar para os agentes históricos, na educação



cíclica Egkýklia. Houve fichamento da lista de fontes, separando os autores por período e temática: autores que criticam um modelo inclusivo, autores que defendiam uma educação mais inclusiva. Após o fichamento de fontes primárias, houve o confronto de ideias, comparação com pesquisas já existentes como as aqui mencionadas, tabulação de resultados, análise das informações obtidas, construção e revisão contínua. O confronto das fontes já tem demonstrado um processo lento e significativo de inclusão social através da Egkýklia, que como bem destaca Platão (2001), era destinada a todo cidadão grego e aos escravos mas, que no desenvolvimento da pesquisa evidenciou-se o contrário.

Resultados e Discussão

Pitágoras, considerado o primeiro filósofo, e que viveu no período arcaico, desenvolveu um programa de estudos para seus discípulos, afim de os conduzir ao *hieros logos* (ensino sagrado). O ciclo Pitagórico iniciava-se na *akousmatikoi* (escutadores), a seguir os alunos eram inseridos na *mousike paidéia* (educação musical) e posteriormente na *metaichmon* (o equivalente a geometria), para finalmente serem inseridos na *mathematikoi* (matemática ou ciência da aprendizagem). Embora o ciclo Pitagórico, ainda não fosse conhecido com a expressão *Egkýklia*, suas características são as mesmas, a saber: ciclos, disciplinas e objetivos fim, bem estabelecidos. Sócrates já havia dado ênfase os objetivos morais que a educação possui, quando protestou contra sua degeneração, que para ele ocorre quando nos esforçamos para adquirir um amontoado de informações variadas sem nenhuma aplicabilidade ou razão. Na obra “A República” é proposto um curso de educação que aparentemente é o curso pitagórico mais elaborado. Nele, se introduz uma cultura musico-ginástica, depois se acrescenta os ramos da matemática (aritmética, geometria, astronomia e música) e por fim, a dialética que segundo Platão, eleva a palavra de seu significado comum para uma ciência superior, este progresso ocorre quando a nossa capacidade cognitiva é mais exigida, nos levando a um intelecto intuitivo.

A partir dos estudos de leitura e escrita, houve um avanço na teoria da arte da fala, à saber: A Retórica; que combinada a dialética levou a melhores elaborações do discurso, isso foi realizado em especial por Górgias de Leontini e levado à cabo por diversos outros sofistas. É nesta época que a expressão *Egkýklia*, passou a designar todo o corpo de conhecimento educacional, sendo comumente chamada de *Egkýklia paidéia*, que designava o conjunto de conhecimentos comum a todos, muito embora, nem todos pudessem participar, motivo pelo qual inclusive, passaram a existir a *Egkýklia diakonémata* (estudos voltados para os escravos) e a *Egkýklia technikós* (estudos voltados para questões práticas e mais comum aos mais pobres).



A partir do período Alexandrino, a *Egklykia* assume um formato mais escolástico. A Gramática passa a ser dividida em Gramática Técnica (ciência da linguagem) e Gramática Exegética (explicação dos clássicos); a Retórica passa a ser um curso elementar. A Dialética torna-se lógica prática elementar e os estudos matemáticos preservaram sua ordem platônica, através de poemas sobre astronomia e a geografia, ou ciência do globo, passa a ser amplamente ensinada. A Filosofia manteve muito de sua característica do período clássico. (DIÓGENES LAÉRCIO, 1988, p. 79). No período Romano, Gramática e Retórica ganham novamente o destaque nos estudos da *Egklykia*, pois para eles a cultura era identificada com eloquência. Na obra *Institutiones Oratoriae*, Quintiliano, que era o primeiro professor da *Egklykia* em Roma no período do imperador Vespasiano, inicia sua lição com gramática, prossegue para matemática e encerra com retórica associada a dialética. A partir deste período a *Egklykia* passa a ser registrada em manuais especiais, em o “*Libri IX Disciplinarum*” de Marcus Terentius Varro de Reate a aborda inserindo a medicina e arquitetura e passando a chama-la de “As sete artes liberais”, nome pelo qual os conjuntos de estudos cíclicos passam a ser chamadas durante o período medieval. Em “*De Architecturâ*” de Marcus Vitruvius Pollio há uma profunda explicação sobre a conexão das sete artes estudadas na *Egklykia*, nome que por vezes é substituído ou utilizado como sinônimo de “As Sete Artes Liberais”, que a saber eram: Dialética, Gramática, Retórica, Aritmética, Música, Geometria e Astronomia.

Ora, o sentido de arte durante o período romano e posteriormente durante a Idade Média não era o mesmo que utilizamos atualmente, ao contrário, significavam os ramos de conhecimento que eram ensinados. E o sentido de “liberal”, tem relação com o fato de apenas homens livres puderem apreender estes conhecimentos. O sentido destes estudos eram em muito similares com aqueles que os gregos utilizavam no período Clássico e início do Helenístico, voltados para indivíduos livres, do sexo masculino e com possibilidade de pagar por este estudo. Além disso, havia uma clara valorização dos estudos linguísticos e físico-matemáticos, por vezes, a Filosofia passa a ser vista como um tipo de estudo superior, destinado apenas para aqueles que tiverem cursado todo o ciclo. Durante o período Clássico, a Filosofia era vista como o estudo de coisas divinas, papel que é assumido durante o período Medieval pela Teologia, principalmente com os filósofos da Escolástica. No período clássico, a "escola" onde se aprende a ler, a escrever e contar, é bem integrada nos costumes: o infante frequenta aulas de três mestres: O *Pedótriba* (instrutor de ginástica), o *Citárista* (o de música) e o *Grammatiskós* (o que ensina as letras), sendo este último mais tarde chamado de "o mestre por excelência" ou *Didaschalos*.



Neste mesmo período, temos o advento dos Sofistas, autointitulados "educadores de homens", definição esta, que o próprio Protágoras, segundo Platão dá de sua "arte". (PLATÃO, 2001, p 317). Os Sofistas abandonaram um plano de educação apenas esportiva ou elementar para uma educação voltada para a Política (PLATÃO, 2001, p 319) e baseada na Dialética de Protágoras e na Retórica de Górgias. A atuação sofística manteve-se em um ensino elitizado. Protágoras, por exemplo, cobrava uma soma de dez mil dracmas (DIÓGENES LAÉRCIO, 1988, p. 52). e Isócrates cobrava um pouco menos que isso para ensinar. Em um aspecto geral, o aluno sofístico, deveria ser capaz de dialogar a respeito de qualquer coisa e, portanto, deveria apropriar-se de uma cultura geral, que neste momento era sinônimo da antiga expressão *Egkykklia*, que anteriormente era utilizada para denominar tudo que é cíclico. De acordo com Platão os estudos neste formato não eram largamente utilizados, sendo restritos àqueles que tivesse renda suficiente para contratar professores capacitados para ministrar estes ensinamentos (PLATÃO, 2001, p 318). Embora os Sofistas tenham desenvolvido novas características pedagógicas, a *Egkykklia* ainda se manteve elitizada. Xenofonte critica em seu tratado Da Caça (XENOFONTE, 1995, p. 13) que esta técnica (sofística) era cara e mantinha os mesmos moldes da antiga educação e que em nada se diferia de uma preparação para a guerra. Muito embora, podemos perceber a claríssima ênfase realizada por Górgias, destacando que juntamente com a Filosofia, havia os estudos da Retórica e da Gramática; a Geometria vinculada a Aritmética, Astrologia e Música e a Medicina, a Alquimia, o que era completamente distinto dos métodos anteriores (PLATÃO, 2001, p 501), e que estas estavam reservadas apenas a linhagens filosóficas, por herança familiar.

A presença das mulheres no ciclo educacional *Egkykklia*, ainda é algo, que está em afincado processo de pesquisa, pois, como afirma Cuchet, o registro das crianças (*frátrias*) era distinto entre homens e mulheres, por vezes, a menina não era registrada ou até mesmo assumia o nome do pai (CUCHET, 2015, p. 1, 11). Da mesma forma, apenas os meninos poderiam ser registrados no *lexiarchikon*, que é o último período do ciclo educacional (CUCHET, 2015, p. 12). Tais questões, tem dificultado a identificação da presença feminina na *Egkykklia*, contudo as fontes antigas apresentam diversas mulheres nas escolas filosóficas, tanto no período clássico, sobretudo, na Academia Platônica como em períodos posteriores. Podemos citar o exemplo das filhas do filósofo Diodorus (Séc III a.C), Argia, Theognida, Artemisia e Pantaclea, apresentadas por Clemente de Alexandria nos livros "IV Miscelânea" e "Contra Joviniano" todas elas da escola dialética (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 1981, p.10). Outro exemplo é Hiparquía (séc III a.C) irmã de Maronitas Metrocles e esposa de Crates, ambos filósofos cínicos, de acordo com o livro III da Antologia epigrama de Antípadro de Sídon, intitulado



“Para as mulheres”. De acordo com Xenofonte, havia mulheres que participaram das escolas filosóficas sem terem participado da *Egklykia* (XENOFONTE, 1995, p. 260). O autor defendia ainda que esta deveria ser apenas destinada aos homens, e as mulheres, deveriam ser “educadas” por suas genitoras e maridos apenas sobre a administração do lar (XENOFONTE, 1995, p. 260). Cícero em “Da natureza dos deuses” referindo-se a Grécia no século III a.C narra a história de Leôncio uma prostituta ateniense, amiga de Epicuro que teria frequentado a *Egklykia*. O autor comenta que Leôncio havia escrito contra Teofrasto e que considerava o maior absurdo, o fato de uma mulher ter falado contra este e contra alguns filósofos (CÍCERO, 1969, p. 93).

Gilles Ménage em seu compêndio de 1624 já se preocupava em estudar diversas mulheres filósofas, o que a historiografia tradicional posterior acabou por silenciar e apenas mais recentemente, com os estudos feministas, estas mulheres voltaram a protagonizar a cena filosófica antiga. A obra *Atthis* escrito por Filocoro de Atenas (séc IV a.C) evidencia a presença de mulheres da elite, que receberam uma educação particular, principalmente por possuir parentesco com algum filósofo ou por pertencer a uma família abastada. Certamente, muitos são os exemplos, de mulheres que romperam tais barreiras, mesmo que não tenhamos conhecimento destas, pois, como bem afirmara Umberto Eco: “não é que não tenham existido mulheres que filosofaram. É que os filósofos tem preferido esquecê-las, talvez depois de terem se apropriado de suas ideias” (ECO, 2008, p.3). Assim, embora a *Egklykia* neste momento fosse destinada aos homens, pode-se notar a figura de algumas mulheres, que seja pela sua posição ou imposição social foram participantes neste processo de organização da *Egklykia*.

Na obra *Política* (ARISTÓTELES, 1998, p. 25-40) o termo *Egklykia*, parece ser utilizado para denominar uma instrução adequada, atenta aos detalhes, destinada ao serviço cotidiano, tanto dos escravos, como também para o aprendizado técnico de alguns cidadãos gregos. Em outra obra Aristotélica, denominada *Tratado do Céu*, a expressão é utilizada para mencionar uma reflexão filosófica relativa às chamadas “coisas divinas”, ou seja, relacionada à *Metafísica*, fazendo referência então ao ciclo de reflexões relacionadas ao universo, que só o intelecto é capaz de abordar (ARISTÓTELES, 1986, p. 59). Ao longo do tempo o formato da *Egklykia* foi alterando-se, normalmente, os gregos dividiam os estudos dos meninos em três períodos de sete anos cada. Até os sete anos, as crianças deveriam ficar em casa aprendendo com o pedagogo ou com os pais a ler e escrever e questões básicas de convivência preparando-se assim para os dois períodos seguintes. O segundo período da *Egklykia* consistia em estudos de temas gerais e variados, com vista à preparação ao ofício ou a cidadania e ali o jovem permanecia até os quatorze anos (PLATÃO, 2001, p. 181c) o próprio Platão afirmara que aos quatorze anos iniciava-se a puberdade (*ephebeia*), quando ao jovem lhe vem despontando a



barba e o juízo (PLATÃO, 2001, p. 181c). Enquanto isso, os mais pobres não tinham acesso a nenhum dos ciclos e por vezes eram relegados apenas ao estudo técnico (*technikós*). Em seguida o jovem era inserido no último período do ciclo, comumente chamado de *lexiarchikón*, que tinha como objetivo introduzir o indivíduo na vida política da pólis. Tal organização etária é apresentada na obra de Platão (PLATÃO, 2001, p. 312); em Aristóteles (ARISTÓTELES, 1998, p. 1338-1339) e em referências posteriores que tratam do período clássico, como na obra de Plutarco (PLUTARCO, 1987, p.5).

Durante o período helenístico também, os jovens, desde crianças deveriam se aplicar ao *logismôn* (estudo de cálculo) e a *propaideias* (disciplinas preparatórias), tendo a Filosofia como a principal disciplina do ciclo da *Egkýklia*, sendo destinado para melhorar e qualificar o cidadão (ARISTÓTELES, 1998, p. 536-537). Juntamente com a Filosofia, vinha os estudos da Retórica e da Gramática; a Geometria vinculada a Aritmética, Astrologia e Música e a Medicina a Alquimia, estas estavam reservadas apenas a linhagens filosóficas, por herança familiar. Tal evolução da *Egkýklia* é abordada em algumas obras Aristotélicas. Em *Política*, este modelo educacional aparece já aplicada ao ofício do criado doméstico “*Egkýklia Diakonémata*” (ARISTÓTELES, 1998, p. 1255). Para Spinelli, a *Egkýklia* neste momento passa se referir a todo modelo de educação com disciplinas definidas, e neste caso, o escravo também deveria se apropriar daquelas que lhe seriam úteis em seu serviço cotidiano. O autor completa ainda que a *Egkýklia Diakonémata*, inicialmente destinada aos escravos posteriormente teve a inclusão de outras disciplinas e foi destinada para outros grupos sociais (SPINELLI, 2016, p. 10). Assim, no período de Aristóteles, a expressão *Egkýklia* também era o conjunto de aprendizados de conhecimentos relacionados ao trabalho serviçal, que consistia em um conjunto de habilidades manuais e específicas, com o objetivo de qualifica-lo para uma determinada habilitação. Para tanto, existiam oficinas com os mais variados tipos de ensinamentos técnicos (ARISTÓTELES, 1998, p. 1255). Assim, neste momento a *Egkýklia* estava ligada principalmente as tarefas do cotidiano, como por exemplo, a culinária ou a organização doméstica, mas, também era ao mesmo tempo um conjunto de estudos gerais. Era exigência inclusive dos gregos, que os serviçais se apropriassem do ciclo da *Egkýklia* (ARISTÓTELES, 1998, p. 1277), a fim de uma formação mais completa.

Já para os escravos pedagogos cabia o aprendizado voltado à instrução filosófica, sendo extremamente comum estarem presente durante a instrução aos paidós, sendo exigido ainda destes a eloquência, para bem instruir (PLATÃO, 2001, p. 82). Entre os cidadãos mais pobres o ciclo de estudos *Egkýklia* consistia em um conjunto de estudos técnicos (*technikós*), ao cotidiano dos trabalhos, como afirmara Xenofonte, onde apresenta que eram os filhos dos



obreiros dos ofícios manuais quem normalmente herdava o trabalho de seu pai, o conjunto de aprendizados repassados para o infante neste sentido também era chamado de Egkýklia (XENOFONTE, 1995, p. 227). Enquanto isso, independentemente da posição social, não havia para as meninas um modelo de educação desenvolvido, muito embora, há casos de mulheres que eram instruídas tornando-se poetisas, escribas ou filósofas, muito mais por terem sido incentivadas por seus pais e por pertencerem a elite. Segundo Jaeger (1994), a *arete* própria da mulher grega era a formosura, e o culto da beleza feminina correspondia a um tipo de formação cortesã. A mulher não surge apenas como um objeto sexual, mas, também e sobretudo, como “dona de casa”, suas virtudes devem estar ligadas a modéstia e o pleno governo do lar, desde a administração dos escravos domésticos até o controle da dispensa. A inferioridade feminina na *pólis* fica evidente inclusive no texto de Aristóteles,

Isto nos leva imediatamente de volta à natureza da alma: nesta, há por natureza uma parte que comanda e uma parte que é comandada, às quais atribuímos qualidades diferentes, ou seja, a qualidade do racional e a do irracional. (...) o mesmo princípio se aplica aos outros casos de comandante e comandado. Logo, há por natureza várias classes de comandantes e comandados, pois de maneiras diferentes o homem livre comanda o escravo, o macho comanda a fêmea e o homem comanda a criança. Todos possuem as diferentes partes da alma, mas possuem-nas diferentemente, pois o escravo não possui de forma alguma a faculdade de deliberar, enquanto a mulher a possui, mas sem autoridade plena, e a criança a tem, posto que ainda em formação. (...) Devemos então dizer que todas aquelas pessoas tem suas qualidades próprias, como o poeta (Sófocles, *Ajax*, vv.405-408) disse das mulheres: ‘O silêncio dá graça as mulheres’, embora isto em nada se aplique ao homem (ARISTÓTELES, *Política*, p. 32 e 33).

Na poesia grega a mulher é apresentada frequentemente como mãe, esposa ou amante, sensualizada, promotora de paixões avassaladoras. Para Jaeger (1994), a transformação da sensibilidade masculina extremamente comum no período helenístico, foi considerada uma efeminação e que a entrega total dos sentidos cabia as mulheres, e quanto ao homem restaria a Filosofia, a Educação e a Política; completa, destacando que isto fica ainda mais evidente, quando enfatiza que o matrimônio por amor não cabia a mulher por ser difícil surgir nesta o amor, e foi apenas na forma do *eros* platônico que o amor masculino, conseguiu em relação à mulher a sua expressão poética. Como fica evidente, não cabia a mulher a educação, muito embora, algumas mulheres ao longo do tempo destacaram-se por fazer parte de escolas filosóficas ou possuírem uma educação refinada, por fazer parte de uma linhagem familiar que financiava seus estudos. Notemos o que retrata Xenofonte em um de seus diálogos, O Econômico:

Mas é isso, Iscômaco, disse, que eu gostaria de saber. Tu mesmo educaste tua mulher de modo que ela fosse tal qual deve ou a recebeste das mãos do pai e da mãe já sabendo cuidar das tarefas que lhe cabem? E o que saberia ela, disse, quando a tomei como esposa? Ao chegar à minha casa, não tinha ainda quinze anos, e, antes disso, vivia sob muitos cuidados para que visse o mínimo. Não pensas que era bastante chegar sabendo apenas pegar os fios de lã e tecer uma túnica e já ter visto como os trabalhos de tear



são distribuídos às servas? Quanto ao controle da alimentação, disse, veio muito bem ensinada, o que, tanto para o homem quanto para a mulher, penso eu, é uma questão do maior interesse. Quanto ao resto, Iscômaco, disse eu, tu mesmo educaste tua mulher para que fosse capaz de cuidar das tarefas que lhe cabem? Não, Por Zeus! Disse Iscômaco, não o fiz antes de oferecer sacrifícios e, com uma prece, pedir que eu, ensinando a ela, aprendendo, conseguíssemos o melhor para nós ambos. Para a mulher é mais belo ficar dentro de casa que permanecer fora dela e para o homem é mais feio ficar dentro de casa que cuidar do que está fora. (XENOFONTE, 1995, p. 34-35, 39)

Ora, então considerando que *Egklykia paidéia* tinha como objetivo o desenvolvimento de um ciclo de estudos para o cidadão grego do sexo masculino, e que este visava a capacitação tanto para a formação básica e técnica, e que já em meados do período helenístico também para capacitar o cidadão nos estudos filosóficos e para a vida na pólis, as mulheres então, não tinham uma educação estruturada garantida pela *pólis*, ficando a cargo muitas vezes de aprendizados transmitidos por outras mulheres mais velhas, muitas vezes da própria família, que dedicavam-se a ensinar a cuidar dos afazeres domésticos, a administrar os escravos ou a tear. Isso não significa, no entanto, que não haviam mulheres instruídas na Filosofia ou na Política. Podemos destacar também, Themista de Lámpsaco (Séc III a.C), que era esposa de Leonteo de Lámpsaco, que é citada no livro IV *Les Stromates*, como alguém extremamente sábia e usada como método de comparação, “mesmo que você seja mais sábio que Themista” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 1981, p.334). No livro III, capítulo XXV, das *Instituições* por Lactantius, menciona-se que ela é a única mulher filósofa.

Iscômaco dialogando com Sócrates afirmara, que as mulheres não tinham uma educação formal, mas, que estas deveriam aprender questões do cotidiano através de uma instrução familiar através da genitora ou do marido (XENOFONTE, 1995, p. 230). Já na Escola de Alexandria todas as disciplinas se tornaram obrigatórias, e foram divididas em dois blocos e se constituíram na *Egklykia Paidéia* e se transformaram em uma posse de saber amplo. Todos os meninos nascidos de pais cidadãos tinham a obrigação de se envolver com a *Egklykia*, que tinha um “esquema” organizado de disciplinas obrigatórias e de modo optativo aquelas que se referem aos ofícios. No Egito Helenístico, por exemplo, o ginásio parece ter sido sustentado financeiramente e administrado por uma associação que buscava manter um padrão educacional da *Egklykia* que priorizava a escrita inclusive entre as classes menos abastadas. De acordo com De Rijk, parecia existir um ensino destinado para as mulheres, mas, para este autor, a forma como o ensino para as mulheres é mencionado é apenas superficial não permitindo um estudo conclusivo (DE RIJK, 1965, p. 578). O ofício do mestre era bastante humilde durante o período Helenístico (DIOGÊNES LAÉRCIO, 1988, p. 35), era mal pago, as cartas epigráficas de Mileto e de Teos, fixam o salário dos mestres de primeiras letras (destinado aos alunos com sete anos de idade) em quarenta dracmas mensais e quinhentas dracmas por ano. Já para o período



romano, a *Egklykia*, correspondia durante o governo de Vespasiano (69-79 d.C), a uma escolaridade pública e obrigatória organizada nos mesmos moldes do período Helenístico, destaca-se o fato, que os professores recebiam melhores salários que nos períodos anteriores. Era destinada a todos os cidadãos, independentemente de sua renda, e seu formato influenciou imperadores posteriores, segundo Apuléio citado por De Rijk (DE RIJK, 1965, p. 56). Quintiliano (35-96 d.C), foi o primeiro professor remunerado do governo de Vespasiano, e teve como alunos Plínio o Môço e o próprio Imperador Adriano (QUINTILIANO, 1973, p. 45).

Considerações Finais:

Isto posto, é indubitavelmente necessário identificar os meandros que envolvem a *Egklykia* a fim de compreender suas transformações e importância como método de ensino, no contexto geral da sociedade grega e dos povos helenizados. Tendo em vista, que este foi largamente utilizado como instrumento catalisador do processo de incorporação cultural, o que por si só demonstra a importância de tais análises no cenário da historiografia antiga e suas implicações posteriores. A incandescente associação entre a cultura helenística com os povos posteriores sejam estes durante o período macedônico ou romano e as práticas de ensino utilizadas durante tais períodos foram instigantes ao presente processo de pesquisa, que levou necessariamente a um aprofundamento na compreensão do uso do termo *Egklykia* e todas as suas nuances, que por sua vez, promoveram a inevitabilidade da averiguação de tal vocábulo e sua utilização, durante o apogeu da cultura grega, que se deu, durante o período helenístico, e da exiguidade de um modelo educacional destinado as mulheres gregas, tornando assim, a análise situada neste hiato, importantíssimo para compreender como a cultura greco-romana nos períodos seguintes perpetua uma noção patriarcal de sociedade e condiciona sujeitos historicamente excluídos a permanecerem em sua situação marginalizada, tendo em vista, que todo o “sistema” que é perpetuado pela educação grega e sua posterior aplicação, com grandes alterações temporais, culturais e sociais, mantenha a condição destes indivíduos.

Para recolher os vestígios da presença das mulheres na história e principalmente no período helenístico, onde há um florescer cultural imenso, é necessária uma enorme quantidade de fontes, para citar pouquíssimos casos de mulheres. Para completar, os relatos existentes são escritos por homens, e que muitas vezes apresentam apenas uma visão masculina das ideias e dos fatos, relegando diversas mulheres ao esquecimento. Se compreendermos que a educação é uma forma de perpetuar um *status quo*, utilizada para “formar” indivíduos e conseqüentemente, é promotora de ideias e valores por vezes dominante, o não oferecimento de uma educação para as mulheres e modelos “específicos e excludentes” voltado para os



escravos e indivíduos mais pobres, também “fala” muito sobre isso, pois, a inexistência ou pouquidade destes nos círculos de discussão filosófica, nas formações dos ofícios ou nos ensinamentos considerados básicos, nos apresentam uma sociedade em que os escravos e os mais pobres mantinham-se com pouca mobilidade social e a mulher fica destinada para o lar e para tudo que tem relação com ele, como destaca Aristóteles em trecho já citado “o macho comanda a fêmea” ou “o silêncio dá graça as mulheres” (ARISTÓTELES, 1998, p. 1960), assim pondo-a em posição inferiorizada e com pouquíssimas oportunidades de se estabelecer socialmente diferentemente do que já estaria posto.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996. (2ª edição, revisada e ampliada).

ARISTÓTELES. **Política**. Edição bilingue, tradução de António Amaral e Carlos de Carvalho Gomes, Vega, Lisboa, 1998.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco. The Complete Works of Aristotle**. The Revised Oxford Translation. Edited by J. Barnes. Princeton University Press Editora, 1984.

ARISTÓTELES. **Traité du Ciel, suivi du traité pseudo-aristotélicien Du Monde**. Ed. J. Tricot, Vrin, Paris, 1986.

CÍCERO. **De Officiis/Les Devoirs**. Editado e traduzido por Maurice Testard. Paris: Les Belles Lettres, 1965.

CÍCERO. **De Oratore**. Editado por Kazimierz F. Kumaniecki. Bibliotheca Teubneriana. Leipzig, Germany: Teubner, 1969.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. **Les Stromates**. I-V. Tradução de Pierre Voulet, Edição du Cerf, Paris, 1981, <http://remacle.org/bloodwolf/eglise/clementalexandrie/table.html>.

CUCHET, Violaine Sebillotte. **Cidadãos e cidadãs na Grécia Clássica. Onde atua o gênero?**. Revista Tempo. Vol 21., n 38. Traduzido do Francês por Lucas Curreau, Paris, 2015.

DE RIJK, Lambertus Marie. **Enkyklios paideia: A Study of its Original Meaning**. In Vivarium, n°. 3, A Journal for Medieval and Early-Modern Philosophy and Intellectual Life, Brill, 1965.

DIELS, Herman & KRANZ, Walther. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. 18ª ed., <Unveränderter Nachdruck der 6. Auflage 1951>, Weidmann, Zürich-Hildesheim, 1989.

DIÓGENES LAÉRCIO. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução de Mário da Gama Kury, Editora UnB, Brasília, 1988.

FÍLON DE ALEXANDRIA. **De congressu eruditionis gratia**. Introduction, traduction et



notes par Monique Alexandre, Éditions du Cerf, Paris, 1967.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego** / Werner Wilhelm Jaeger; [Tradução Artur Parreira; adaptação para a edição brasileira Monica Stabel; revisão do texto grego Gilson Cesar Cardoso de Souza], 3ª Edição, São Paulo; Martins Fontes, 1994

JUSTINO. **Les Apologies**. Traduites, avec texte grec, par A. Wartelle, Éditions du Cerf Paris, 1987.

KOSELLECK, Reinhart, **História dos conceitos e história social. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Traduzido por Wilma Patrícia Maas e Fabiana Angélica do Nascimento. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio. 22 páginas. 2006

MARROU, Henri Irénée. **História da educação na Antiguidade**. São Paulo: Ed. Herder; Edusp, 1966.

MONROE, Paul. **História da educação**. São Paulo: CEN, 1ª Edição, 1978.

PLATÃO, **Mênnon**; texto estabelecido e anotado por John Burner; tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro, Edição PUC-RIO; Editora Loyola, 2001.

PLUTARCO. Obras morales y de costumbres. - **Moralia. V Sobre la fortuna o virtud de Alejandro**. Tradução de Mendes López Salvá. Gredos, Madrid, 1987.

QUINTILIANO, Marco Fabio. **Instituzione oratoria**. Traduzione do Orazio Frilli, Zanichelli, Bologna, 1973, <http://www.thelatinlibrary.com/quintilian>.

SPINELLI, Miguel. **O conceito grego da egkýklios paideía e sua difusão no período helenístico**. HYBRIS. Revista de Filosofia, Vol. 7 N° 1. Universidade Federal de Santa Maria, Maio de 2016, p. 31-58.

SPINELLI. **O ciclo de estudos básicos (Egkýklios Paideía) da escolaridade grega**, Educação e Filosofi a, v. 30, n. 60, p. 603-646, jul./dez. 2016.

STERNBACH, Leo: **Gnomologium Vaticanum e codice vaticano graeco 743**. (Texte und Kommentare, 2.) Pp. xii + 204. Berlin: de Gruyter, 1963. Cloth, DM. 18.

UMBERTO ECO, **Filosofare al Femminile, La bustina di Minserva**. En el semanario L'espresso, 8/09/2008. Disponível em: <http://espresso.repubblica.it/dettaglio-archivio/369593>. Acessado em 05 de Set. 2021.

XENOFONTE. **Recuerdos de Sócrates, Económico, Banquete, Apología de Sócrates**. Tradução de Juan Zaragoza. Madrid: Gredos, 1995. Disponível em: . Acesso em: 28 abr. 2015.